

COLONIZAÇÃO INGLESA E LUSITANA

Fernando da Conceição Barradas

Docente da Unipar

Resumo

O colonialismo luso, praticado na fase mercantilista nas terras descobertas do Brasil, tem sido criticado ao longo do tempo por setores da sociedade brasileira, que cotejam o seu subdesenvolvimento com os altíssimos níveis do primeiro mundo, atingido pelos EUA, colonizados pela Inglaterra. As variáveis são muito amplas, nos aspectos econômico, social, político, ético, geográfico e tantos outros, expostos sinteticamente neste breve trabalho, que pretende demonstrar vantagens e desvantagens nas relações colônia-metrópole praticadas pelos dois sistemas.

ABSTRACT

The lusitano's colonialism, practiced in the commercialist stage in the discovered lands of Brazil, has been criticized along the time by sectors of the brazilian society, that compares its development to the highest levels of the first world, reached by the U.S.A., colonized by England. The variable are very wide, in the economical, social, political, ethical, geografic aspects and so many others, short exposed in this brief work, that intends to show the advantages and disadvantages in the colony-metropolis practiced by the two systems.

1 - O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA

As Treze Colônias (embrião dos atuais EUA) fizeram a primeira nação soberana das Américas em 1776. A Hispano-América se libertou, na quase totalidade, entre 1816 e 1828. O Grito do Ipiranga aconteceu em 1822. De todos os movimentos de independência, o do Brasil foi o único em que não ocorreu confronto sangrento com a metrópole. George Washington, Bolívar, San Martín, Miranda, O'Higgins, Sucre e tantos outros se destacaram nas lutas panamericanas de descolonização. O Brasil não precisou ter o seu Bolívar. Seu herói foi D. Pedro I, filho do rei de Portugal, que depois seria também Monarca da Lusitânia com o título de D. Pedro IV. Sua filha Maria, nascida no Rio de Janeiro, acabou sendo também rainha de Portugal. No caso da dominação inglesa, o processo foi bem diferente, sangrento. George III, rei da Inglaterra, não aceitou a perda de sua principal colônia. As guerras prosseguiram até 1781. Os colonos não tinham condições de derrotar a metrópole, então a maior potência naval do mundo. Foram circunstâncias da política internacional da época, francamente anti-inglesas, que favoreceram os colonos da América do Norte. Em 1780, Catarina II (Rússia) criou a "Liga de Neutralidade Armada", com o apoio da Dinamarca, Prússia e Holanda, que objetivava combater o poderio naval inglês. Foi desgastante para a Inglaterra ter de enfrentar guerra externa contra

uma poderosíssima liga européia de nações, ao mesmo tempo em que tinha de sustentar a guerra contra os colonos americanos. Na América, franceses e espanhóis, unidos pelo pacto de família Bourbon, deslocaram homens, armas e recursos de grande monta em auxílio aos colonos. A oportunidade era muito boa para a França recuperar os territórios perdidos para a Inglaterra na guerra dos Sete Anos (1756-1763). No combate de Yorktown, que marcou o fim da guerra em 1781, metade das tropas dos colonos era representada por soldados franceses e espanhóis. A Inglaterra só reconheceria a independência das colônias em 1783. Lá, os colonos derramaram sangue pela independência. Aqui, o processo se resolveu no âmbito doméstico da família Bragança. Melhor para o Brasil.

2 - EXPANSÃO TERRITORIAL

No século XVIII, o Brasil já tinha praticamente definidas, com pequenas exceções, as suas fronteiras atuais. Pelo Tratado de Tordesilhas, tinha menos de três milhões de quilômetros quadrados. Mesmo sendo colônia de Portugal, passa a ter oito milhões e meio de quilômetros quadrados, os mesmos que possui hoje.

As Treze Colônias, ao contrário, se resumiam a uma estreita faixa de terra na costa atlântica, Leste do atual EUA, indo até os montes Apalaches. Com a Independência, a Inglaterra reconheceu como limite uma faixa maior, que alcançava em sentido Leste-Oeste até o rio Mississipi. Hoje sua área ultrapassa nove milhões de quilômetros quadrados, obtida por via de muitas guerras, especialmente contra o México, do qual foram arrancados um milhão e trezentos mil quilômetros quadrados (Texas, Califórnia e Novo-México). A região do Oregon, a Luisiana e a Flórida, foram obtidas através de compras e negociações com a Inglaterra, França e Espanha, respectivamente. Os EUA se expandiram no século XIX, na fase pós-independência. Fizeram guerras para se consolidar territorialmente. O Brasil-colônia contou com as

entradas e bandeiras, a pecuária e a mineração para conquistar o interior. O legado territorial que herdou de Portugal foi muito maior que o das Treze-Colônias.

3 - O ELEMENTO HUMANO - A mão-de-obra

3.1 - Introdução

Em 1775, às vésperas da independência, as Treze Colônias tinham dois milhões e meio de habitantes, dos quais quinhentos mil eram negros.

A população brasileira deve ter atingido três milhões e trezentos e cinquenta mil habitantes, por volta de 1800, devido ao ciclo do ouro e do diamante, responsáveis pela formação de uma vida urbana, desenvolvimento do artesanato e do comércio.

O problema que se coloca é menos o quantitativo, mais o de qualificação desses primeiros povoadores, especialmente do elemento branco.

3.2 - No Brasil

Portugal, à época do descobrimento do Brasil, tinha pouco mais de um milhão de habitantes. Na Índias Orientais, a partir de 1500, Portugal criou seu próspero Vice-Reino para onde destinava os maiores recursos. O Brasil não oferecia nenhum mercado de consumo organizado ou qualquer possibilidade de comércio.

3.2.1 - O Índio

Ocupar militarmente o vasto território ficaria muito caro. A exploração do pau-brasil, com mão-de-obra indígena, foi a primeira atividade econômica; insuficiente, porém, para garantir a posse da terra. A partir de 1550, as terras, que não tinham nenhuma utilização econômica, passaram a receber o cultivo do açúcar, especialmente no Nordeste. O problema da mão-de-obra foi um dos maiores para viabilizar a implantação da indústria açucareira. A primeira utilizada foi a indígena. Nossos silvícolas eram dos menos desenvolvidos do novo mundo. Não tinham vida urbana como os astecas e incas de Tenochtitlán ou de Cuzco e Machu-Pichu. Culturalmente, considerando seus padrões, não

poderiam ser comparados sequer aos diaguitas da Argentina ou aos chibchas da Colômbia que já praticavam a metalurgia. Estavam no mesmo nível dos índios norte-americanos ou aos das terras árticas e sub-árticas do hemisfério norte. Como nossos silvícolas habitavam regiões amplas e favoráveis à sobrevivência, comunidades não urbanas, fugiram mato-a-dentro. A captura foi, portanto, diferente da conquista do México e do Peru, onde, concentrados em verdadeiras cidades, foram conquistados "in totum". Não foi a captura praticada pelos bandeirantes que fez a riqueza de Piratininga.

Os primeiros engenhos instalados no Nordeste - existiam 120 em fins do século XVI - foram montados com mão-de-obra indígena. Quando os escravos negros chegaram, a empresa açucareira no Nordeste já estava funcionando.

A pecuária nordestina, que se desenvolveu no interior e às margens do Rio São Francisco, revelou o índio vaqueiro. Pela própria origem, o índio não estava preparado para ser um agente econômico de transformação.

3.2.2 - O Negro

O Negro, na condição de escravo, que até meados do século XVII garantiu o funcionamento da empresa açucareira nordestina, deslocar-se-á para a zona mineradora. Trabalhando em buracos que mal permitiam respirar, atolado no barro, no interior das minas, não aguentava trabalhar mais que cinco anos. As condições de trabalho das minas foi pior que as vividas nos engenhos.

A mineração declinou rapidamente. Do auge, em 1760, para declínio completo, em 1780. Nunca, em nenhuma região da América, se viu declínio econômico tão rápido. Por isso, quando o café surgiu em Minas, no Rio de Janeiro e em São Paulo, no vale do Paraíba, não faltava mão-de-obra, e de início, utilizaram-se os excedentes da mineração.

Por volta de 1850, a população do Brasil deveria atingir 7 milhões de habitantes, sendo 2 milhões de escravos, quase 30% de sua população.

3.2.3 - O Branco

Quanto ao elemento branco, os primeiros, provenientes da pequena aristocracia lusa, vieram na condição de proprietários das capitâneas e sesmarias. Não constituíram uma empresa de povoamento como nas regiões setentrionais das Treze Colônias. A empresa açucareira não atraiu imigrantes, apenas promoveu o tráfico de escravos. Não provocou surto de desenvolvimento capaz de impulsionar o intercâmbio e o progresso de outras regiões do Brasil; foi apenas uma empresa de grande porte, voltada para o exterior, cujos recursos iam para fora do Brasil. Os proprietários dos engenhos, em geral, nem aqui residiam.

O primeiro grande contingente imigratório em direção ao Brasil ocorreu com a descoberta do ouro. De 300 mil habitantes em 1700, saltou-se para 3350 mil em 1800. A maioria veio de Portugal, por conta própria. A atividade mineradora, de início mera faiscação, não exigia grandes recursos e muitos ficaram ricos. O ouro declinou rapidamente. Em 1780 acabou. Os mineradores insistiam na procura de novos filões e acabaram perdendo tudo. As minas se despovoaram.

Quanto à qualificação desses imigrantes, observou-se que na região mineira não havia indústria metalúrgica. A ferragem dos animais era feita por escravos negros, pois os imigrantes, vindos de Portugal, não conheciam nenhuma técnica.

Outro grande surto de imigração para o Brasil ocorreu no século XIX, a partir dos anos setenta. No último quartel do século XIX, vieram 803 mil, sendo 507 mil provenientes da Itália. Esses italianos vieram da região mais pobre da Itália, a Sicília, essencialmente agrícola, a qual, naquele momento (1870), sofria a crise decorrente da unificação da península.

Concluindo, os elementos que povoaram o nosso país, especialmente o branco, na condição de elemento econômico ativo, de início, com a mineração, e depois, com o café, não trouxeram consigo tradição urbana industrial.

3.3 - Nas Treze Colônias

As diferenças etno-econômico-geográficas determinaram características bem distintas entre as colônias sulistas e as centro-meridionais.

As do sul foram colônias de exploração, isto é, voltadas economicamente para o mercado externo, para a metrópole. As centro-setentrionais não se vincularam à metrópole. As nortistas tinham um mercado interno razoavelmente forte, clima frio, população de imigrantes brancos que vieram fugidos das perseguições religiosas, praticadas principalmente na Inglaterra, Irlanda e Escócia.

A colonização só teve início em 1607, com o primeiro monarca Stuart, Jaime I. A Inglaterra favoreceu a criação de companhias particulares para recrutar mão-de-obra e fundar colônias. A evolução econômica da Inglaterra e o fenômeno dos "enclosures", criaram mão-de-obra excedente naquela metrópole. Só no século XVII, saíram das ilhas britânicas, 500 mil emigrantes. Inicialmente, os que mais vieram foram os colonos muito pobres que tinham a passagem paga mediante alguns anos de trabalho gratuito prestado, quase servil; esse sistema foi denominado "indentured servant". Cerca de 70% dos colonos vieram dessa forma. Prisioneiros também foram mandados. Vieram os perseguidos religiosos. Em 1620, chegaram os peregrinos puritanos do May Flower, que acabaram fundando Nova Plimouthl (Norte). No século XVIII, vieram perseguidos religiosos de outros países da Europa.

As antilhas também têm importância no povoamento da Nova-Inglaterra. Tanto no caso da colonização inglesa, quanto no da francesa e holandesa, as Antilhas foram aproveitadas, em princípio, como colônias de povoamento, de subsistência, de pequenas propriedades e mão-de-obra branca. Tinham também grande importância estratégica para as potências européias que se sentiam prejudicadas pela política mercantilista espanhola de áreas fechadas. Holandeses, franceses e ingleses partiam das Antilhas, em assalto às

regiões hispano-americanas. A economia de pequenas propriedades não deu bons resultados; o sistema de "plantation" acabou prevalecendo e o escravo negro foi introduzido para desenvolver a monocultura do açúcar, que sobrepujou o produto brasileiro. Os colonos brancos que habitavam as Antilhas acabaram indo embora para a Nova Inglaterra. Com o correr do tempo, a economia das colônias setentrionais se integrou à das Antilhas. O primeiro núcleo de colonização fundado na América do Norte foi Virgínia (Sul) em 1607, e o trabalho das plantações de tabaco - primeiro produto a ser cultivado - era efetuado por servos de contrato.

O ano de 1619 marca a importação dos primeiros escravos, embora os servos por contrato fossem mais utilizados até 1670. Em todas as colônias do sul - Virgínia, Carolina do Norte, Mariland e Georgia - com o avanço da colonização, a base da mão-de-obra foi a escrava negra.

As colônias setentrionais - Massachussets, Rhode Ysland, Connecticut, New Hampshire - foram impulsionadas por puritanos perseguidos, vindos da Inglaterra.

As colônias centrais Nova York, Pensilvânia, Nova Jersey e Delaware - constituíam uma área denominada "terras de ninguém", um vazio entre o Norte e o Sul. Por isso, os primeiros estabelecimentos nessa região foram fundados por holandeses e suecos. A Inglaterra não dispunha de meios para colonizar, de uma só vez, toda a costa atlântica dos atuais EUA; em conseqüência, holandeses e suecos foram expulsos pelos colonizadores.

Vieram muitos artesãos da Inglaterra e da Europa. Produziam para o mercado local. Desenvolveram atividades industriais e manufatureiras nos setores de madeira, lã, ferro, alcatrão, melaço (vinho das Antilhas). Estaleiros produziram embarcações, vendidas para os estados europeus ou utilizadas pelos colonos. A indústria metalúrgica produziu armas, utensílios e ferramentas. A indústria têxtil confeccionou tecidos de lã, algodão ou linho,

chapéus e agasalhos feitos com pele de castor ou marta. Isto tudo, sem restrições da metrópole, pelo menos até o início do século XVIII. Os comerciantes de origem puritana de Massachussets, grandes armadores, eram os mais ricos da colônia. Os nortistas plantavam para o mercado interno: fava, batata, milho, trigo, centeio, aveia, frutas, etc. O criatório de suínos foi importante para a produção de banha e carne. Ovelhas e carneiros desenvolveram-se mais em Rhode Ysland. Nova York possuía grandes estaleiros, moinhos, especialmente de trigo e farinhas diversas.

Portanto, as colônias centrais e setentrionais tiveram um início de atividade manufatureira. A qualidade da mão-de-obra foi decisiva para a arrancada econômica dos EUA no século XIX. Logo, entraria num processo de revolução industrial, concomitante aos países da Europa Ocidental.

4 - ECONOMIA

4.1 - Nas Treze Colônias

Para a Inglaterra, as colônias sulistas que desenvolveram o sistema de "plantation", complementar à economia da metrópole, revelaram-se um sucesso, porque proporcionavam lucros com o tabaco, algodão, arroz e paralelamente o tráfico de escravos. Já a economia do Centro-Norte, muito mais diversificada, forte na produção de subsistência, marginal na prática do contrabando, especialmente com as Antilhas, era mal vista. Dava prejuízos. Competia com as companhias de comércio da metrópole. Comercializava navios, bebidas (especialmente o rum) e outros produtos com países europeus. Seu mercado interno de consumo, forte, bastava-se a si. Pouca coisa vinha de fora.

Por isso, essas colônias iriam desenvolver uma burguesia forte, afinada com os ideais liberais do iluminismo francês. A independência dos EUA foi mais uma ação das elites urbano-exportadoras. A

figura política do caudilho rural, tão comum nos movimentos de independência hispano-americana, lá não existiu.

Furtar-se-ão considerações mais alongadas acerca da economia das Treze Colônias, devido à natureza deste trabalho e do que já foi citado quando se tratou do item mão-de-obra. Era muito boa a situação econômica das Treze Colônias no momento da independência. A crise que viveu no último quartel do século XIX deveu-se à própria guerra de independência que, por um breve momento, desorganizou sua economia, favorecendo o algodão do Brasil que ganhou mercados.

4.2 - No Brasil-Colônia

Quando se tratou do item mão-de-obra no Brasil-Colônia, fizeram-se referências também à economia brasileira. Agora, mostrar-se-ão apenas alguns pontos que evidenciavam sua instabilidade e falta de rumos.

Na economia açucareira, quase não existe aqui agricultura de subsistência. Os navios que vinham buscar o açúcar, traziam bens de consumo, cobrando um frete relativamente baixo. O motivo principal era o pacto colonial e a alta renda do açúcar. O gado foi a atividade de subsistência mais importante nesse período, criado que foi em áreas interioranas para não estragar a cana cultivada. Outro aspecto refere-se à renda produzida pelos engenhos. Os lucros mandados para fora por proprietários, que nem aqui residiam, mantiveram estática a economia brasileira. Em compensação, a concorrência antilhana não produziu a falência desses engenhos, apenas arrefeceu a produção que se adaptou às novas circunstâncias comerciais, pouco favoráveis. O açúcar também não estimulou a imigração de elementos europeus. À exceção do Nordeste, as outras regiões do Brasil eram fracas. São Paulo e Minas guardavam profundo isolamento em relação ao Nordeste. São Vicente piorou mais ainda quando, no século XVII, declinou o apresamento do índio; mas aconteceu o milagre do ouro.

A descoberta do metal precioso na Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais, bem como na região de Cuiabá, em Mato Grosso e ainda em Goiás, deslocou o eixo econômico nacional. Minas Gerais será o maior núcleo, ocorrendo o desenvolvimento urbano comercial e do artesanato. A população do Brasil cresceu, de 300 mil habitantes em 1700, para aproximadamente 3,350 mil, em 1800.

Como a obra da exploração do minério fosse feita em sua maior parte por garimpeiros isolados, geralmente nas areias dos rios, a renda obtida ficou pulverizada entre milhares. Outro aspecto importante do ciclo do ouro, no Brasil, foi a integração das regiões minerais com outras até então isoladas economicamente. As minas situavam-se no interior do Brasil, longe do litoral. As manufaturas consumidas em geral eram inglesas, pois Portugal era dependente nesse setor e proibia, na colônia, a atividade manufatureira. As regiões de mineração do sertão brasileiro criaram um sistema de transporte importante, baseado nas tropas de mulas que, por estradas e caminhos difíceis, transportavam cargas volumosas de mercadorias.

Desenvolveu-se a pecuária do Rio Grande do Sul e de São Paulo para abastecer as minas. Às margens do Rio São Francisco, o gado já era abundante desde o tempo do açúcar. Quanto às demais regiões brasileiras, praticava-se o extrativismo de drogas do sertão no Pará, o que jogava a região num profundo isolamento, pois essas especiarias eram destinadas à exportação. Pombal, em meados do século XVIII, estimulou a produção do arroz e algodão no Maranhão, que passou a ser uma das regiões mais prósperas do Brasil, porque esses produtos tinham mercado certo na Europa. Os últimos trinta anos do século foram muito ruins para o Brasil-Colônia. Na primeira metade do século XIX, quando o Brasil se tornou independente, o açúcar sofria a concorrência do produto antilhano e do açúcar de beterraba que foi desenvolvido na Europa no período napoleônico;

o algodão, cuja produção cresceu na segunda metade do século XVIII, devido à guerra de independência das Treze Colônias, agora passava a enfrentar aquele mesmo concorrente; o tabaco sofria concorrência de outras fontes produtoras e logo o Brasil perderia seu principal consumidor, a África, com o fim do tráfico de escravos.

Enfim, o Brasil chegou à independência, economicamente frágil.

5 - CONCLUSÃO

O Brasil chegou à sua independência consolidado territorialmente. Uma área muito vasta, rica e de grande potencial econômico. A união ibérica (1580-1640), período em que Portugal foi reduzido a vice-reino da Espanha, tem que ser considerada como positiva, pois entradistas, bandeirantes e mineradores instalaram-se além-Tordesilhas. Ao contrário, as Treze Colônias herdaram da Inglaterra uma estreita faixa de terras na costa atlântica. Por aí começaram, mas avançaram, e, no século XIX, chegaram ao Pacífico, juntaram o Alasca e o Haváí. Economicamente a vantagem foi dos EUA que se libertaram fortes e ricos. Desencadeou a sua revolução industrial já em princípios do século XIX, concomitante à Europa. Ao contrário, o Brasil fracassou com Mauá, na segunda metade do século XIX. Nesse período é que os EUA deram passos gigantescos no seu desenvolvimento e deixaram o Brasil para trás. Receberam, nesses cinquenta anos, 17 milhões de imigrantes vindos de diversas regiões da Europa. O Brasil pouco mais de um milhão de imigrantes, em sua maioria, portugueses e italianos.

A economia brasileira se restringiu à monocultura do café. Os EUA tiveram uma agricultura forte, diversificada, produtiva e moderna; uma indústria que criou os maiores conglomerados econômico-financeiros do planeta; um comércio agressivo, imperialista, com tentáculos fortes que abarcavam toda a América, até as Filipinas e o Japão. O Brasil, após a independência, ainda teve na Inglaterra seu principal fornecedor. Sua revolução industrial foi

se retardando. Até a década de quarenta deste século, a produção de calçados usava apenas ferramentas.

Quanto à mão-de-obra, sem dúvida que a das Treze Colônias foi mais qualificada. Imigrantes, afeitos a manufaturas, fabricavam armas, munições, navios, roupas, bebidas e processavam produtos agrícolas para consumo interno e para exportação. O negro e o índio, tanto o do Brasil, quanto o das Treze Colônias, foram agentes econômicos passivos. O branco português, que iniciou a colonização no Brasil, era da pequena aristocracia lusitana. Os imigrantes tinham proveniência rural. Não houve aqui, com esses elementos, o início de uma atividade manufatureira.

Portugal foi duro na aplicação do pacto colonial. A Inglaterra envolvida nas contendas europeias propiciou dose de autonomia às Treze Colônias. Com isso, fecundou seu embrião econômico. No Brasil, o pacto colonial exercido rigidamente, inviabilizou até a produção de subsistência e o decorrente mercado interno que se formaria. Sem essa pré-condição, mercado interno organizado, sua economia não teve qualquer estabilidade, além de sofrer crises cíclicas, não pôde desenvolver etapas econômicas ulteriores mais avançadas.

Ao contrário das Treze Colônias, a independência brasileira foi pacífica. Aqui, o legado lusitano chegou às raias da generosidade paternal. Herdou-se até o filho imperial lusitano. O Brasil não soube tirar proveito dessa vantagem.

Há quem atribua o atraso brasileiro ao seu sistema de ensino, religioso e humanista, inferior à educação politécnica que, desde cedo, se implantou nas Treze Colônias. Em 1793, Whitney inventou uma máquina de beneficiar algodão. Benjamim Franklin inventou o pára-raios, antes da independência. Milhares de inventos de autoria de gênios norte-americanos vão se revelar no século XIX: a máquina de costura de Blanchar, a borracha vulcanizada de Goodyear, o fonógrafo e a lâmpada

incandescente de Edison, o revólver de Colt, o telégrafo de Morse, o telefone de Granham-Bell, o linotipo de Mergenther e muitos outros que, capitalizados pelos empresários, produzidos em série, vão dominar os mercados.

Querer atribuir a Portugal o relativo atraso que vive hoje o Brasil, decorrido tanto tempo de independência, é, no mínimo, injusto. Não justifica a atual situação. O Brasil herdado de Portugal era amplo, fértil, já urbano em algumas regiões, relativamente organizado como nação emergente. O que veio depois, com o monopólio do poder político por uma elite conservadora, rural e oligárquica, criadora de suas estruturas e do modelo de desenvolvimento é muito mais razoável para justificar o atraso nacional.

Bibliografia

- 01 - FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 22. ed. São Paulo, Editora Nacional, 1987. 242p.
- 02 - MEGGERS, Betty J. América Pré-Histórica. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 226p.
- 03 - VAINFAS, Ronaldo. América em Tempo de Conquista. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. 207p.
- 04 - SOUESTELLE, Jacques. A Vida Quotidiana dos Astecas. 1. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1962. 309p.
- 05 - DONGHI, Halperin. História da América Latina. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. 315p.
- 06 - GALEANO, Eduardo. As Veias Abertas da América Latina. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 208p.

- 07 - COMMAGER, Henri Stule; HEVINS, Allon. História dos EUA. 1. ed. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1969. 521p.
- 08 - ZIERER, Otto. História da América Latina. 1. ed. Petrópolis, Vozes, 1964. 255p.
- 09 - AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. História das Sociedades Americanas. 1. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1990. 479p.
- 10 - LOZO, Haddock. Pequena História da Economia. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1968. 375p.
- 11 - GARCIA, José Manuel. História de Portugal 4. ed. Lisboa, Presença, 1968. 331p.
- 12 - FISHER, H. E. S. De Methuen a Pombal. 1.ed. Lisboa, Gradica, 1984. 220p.
- 13 - FURTADO, Milton Braga. Síntese da Economia Brasileira. 5. ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1988. 251p.